

Epidemia de dengue supera 1 milhão de casos em 2 meses; são 214 mortes

— O número, referente às oito primeiras semanas, representa quase cinco vezes o que foi registrado no mesmo período de 2023, quando 207.475 infecções foram notificadas

LARA CASTELO
LEON FERRARI

Às vésperas do 'Dia D' convocado pelo governo federal contra o *Aedes Aegypti*, o Brasil ultrapassou ontem a marca de 1 milhão de casos prováveis de dengue, segundo atualização feita no Painel de Monitoramento de Arboviroses do Ministério da Saúde. O número, referente às oito primeiras semanas de 2024, representa quase cinco vezes o registrado no mesmo período de 2023, quando 207.475 infecções foram notifi-

Sinal de alerta Foram registrados 2,5 vezes mais casos graves, na comparação com o mesmo período de 2023

cadadas. O número de casos graves ou com sinais de alarme da doença também avançou no período: no primeiro bimestre de 2024 foram registrados 2,5 vezes mais casos desse tipo em comparação com o mesmo período de 2023.

É importante considerar que o País se aproxima de 60% dos casos registrados em todo o ano passado, o segundo com o maior número de relatos prováveis desde 2000. Até o momento, foram registrados 214 óbitos neste ano em decorrência da doença. Outras 687 mortes são investigadas pelo ministé-

rio. A pasta, no entanto, trabalha com a possibilidade de mais de 4 milhões de relatos.

O coeficiente de incidência da doença no País chegou a 501 casos por 100 mil habitantes – acima de 300, esse índice é considerado alto e indica a ocorrência de epidemia. O cenário levou 6 Estados (Goiás, Acre, Minas, Espírito Santo, Rio e Santa Catarina) e 154 cidades e o Distrito Federal a decretarem emergência de saúde pública nas últimas semanas.

O AGRAVAMENTO. "Tivemos neste ano uma necessidade de internação hospitalar muito superior à do ano passado", afirmou anteontem Ethel Maciel, secretária de Vigilância em Saúde e Ambiente do Ministério da Saúde. Especialistas e as autoridades de saúde destacam que o volume de casos graves é preocupante. As causas disso, considerando que tradicionalmente a maioria das pessoas não enfrenta o agravamento, ainda não estão completamente claras.

Há uma hipótese, porém, que considera uma mudança na prevalência entre os sorotipos. No ano passado, o principal sorotipo circulante foi o 1. Agora, temos o 2. Muitas pessoas que tiveram dengue pelo tipo 1 podem ficar doentes pelo sorotipo 2. No momento, os quatro vírus da dengue circulam, mas, de fato, o DENV-1 e o DENV-2 dominam o cenário – o segundo parece ter ganhado

Saiba mais

● Público de risco

O governo pediu atenção especial aos idosos. Conforme mostrou o 'Estadão', o risco de morte por dengue é 8 vezes maior entre quem tem 60 anos ou mais. Isso se deve, principalmente, ao fato de, nesta faixa etária, serem mais comuns a presença – e o acúmulo – de comorbidades, como diabetes e hipertensão. Outros grupos que preocupam são crianças de até 2 anos, pessoas com reinfeção ou comorbidade e gestantes.

● Sinais de alarme

Após a fase febril, em geral entre o 3.º e o 7.º dia, é preciso ficar de olho em sintomas que

podem indicar agravamento do caso. São eles: dor na barriga intensa e contínua; vômito persistente; acúmulo de líquidos em cavidades corporais; pressão baixa; pele pálida e fria; inquietação/irritabilidade; respiração rápida; aumento do tamanho do fígado; e sangramento de mucosas.

● Uso de repelente

Segundo a infectologista Rosana Richtmann, os mais recomendados são os que têm o princípio ativo icaridina ou DEET, em concentrações de 20% a 30%. O repelente deve ser aplicado nas partes expostas e não é indicado para menores de 2 anos. Não se deve dormir com o produto, por risco de intoxicação, nem usar itens sem aval da Anvisa.

mais tração neste ano.

A reinfeção por dengue está associada a uma maior chance de desenvolver o quadro grave. Por quê? Quando alguém é infectado por um dos tipos, adquire imunidade apenas contra aquela variação do vírus. Ou seja, fica suscetível à reinfeção pelas demais. No entanto, o que se descobriu é que nosso sistema imunológico fica confuso quando nos infectamos por outro tipo. Ele entende que aquele vírus é o mesmo, e não um diferente, gerando uma resposta exacerbada. Produz anticorpos para a infecção

do passado, que estão "desatualizados", e ainda favorecem a replicação viral, internalização do vírus e, portanto, uma maior gravidade da doença.

LETALIDADE. Comparando as oito primeiras semanas epidemiológicas de cada ano, a taxa de letalidade era de 0,07 em 2023 – em todo o ano passado, foram 1.094 mortes, o recorde histórico – e, agora, está menor, em 0,02. É importante ressaltar, porém, que os dados de 2024, mesmo os referentes às semanas epidemiológicas já computadas, são preliminares

e provavelmente serão atualizados para cima. Isso ocorre tanto pelo atraso no lançamento de registros nos sistemas informatizados do ministério quanto pelo alto número de óbitos ainda em investigação – são 687.

Há variações entre as unidades federativas. No Distrito Federal, onde há a maior incidência de casos e hospitais colapsaram – como disse o governador, Ibaneis Rocha (MDB) –, ela era de 0,05 nesta semana. "Importante ficarmos atentos. Porque esse não é (tradicionalmente) o momento de pico da doença. E quando estamos no início de uma curva epidêmica, que não atingimos o pico, a letalidade da doença tende a ser menor", afirma Julio Croda, infectologista da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). "Mas já observamos número bastante elevado de casos graves hospitalizados, aumento substancial em relação ao ano passado."

"A expectativa é de que esses números continuem a crescer, e que a gente supere o recorde histórico de número de casos e, infelizmente, também o número de óbitos", completa Croda. O médico lembra que há uma estimativa de nove casos subnotificados para cada registro oficial de caso provável, além dos assintomáticos. Ou seja, o número real deve ser bem maior. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Metrôpole Caderno: A Pagina: 14